

DA JANELA DE CASA À JANELA DA VIDA: o imaginário da janela no processo ensino-aprendizagem na escola

Josenildo Campos Brussio*

INTRODUÇÃO

O presente artigo é resultado da ampliação e rediscussão do item 2.1.2. A janela, da dissertação de mestrado intitulada "IMAGENS ARQUETÍPICAS NA RELAÇÃO PROFESSOR-ALUNO NA ESCOLA: em busca de um encantamento no processo ensino-aprendizagem"¹. Desde a análise dos dados coletados, a janela foi uma imagem que nos chamou a atenção em razão da facilidade de *constelar*² com outras imagens que apareciam no trabalho, como a casa, a escada, o caminho, a árvore e o vô.

Mais do que isso, impressionou-nos o fato de apenas uma janela ter sido desenhada entre os alunos e professores que participaram da pesquisa, no entanto, a mesma exerce um valor inestimável para análise de outras imagens como já dissemos.

* Mestre em Educação pela Universidade Federal do Maranhão (2008) e Doutorando em Psicologia Social pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (2008).

¹ Esse é o título da dissertação que defendi no Mestrado em Educação da UFMA, em 26 de fevereiro de 2008.

² O termo constelação é muito usado por Durand quando se refere ao conjunto de imagens que convergem simbolicamente entre si. "Os símbolos constelam porque são desenvolvidos de um mesmo tema arquetipal, porque são variações sobre um arquétipo" (DURAND, 1997, p. 43).

Por um certo isomorfismo, percebemos que a janela enquanto parte da casa é uma abertura para o mundo, ou ainda, uma abertura na concha inicial (BACHELARD, 1998, p. 24), que conduz a casa ao *arquétipo*³ da "intimidade, do profundo, do calmo". A janela, inicialmente, também assume essa função arquetípica, mas depois, nas teias da imaginação de nossos alunos e professores, abre-se ao mundo e nos oferece um universo de imagens bem mais complexo.

No intuito de abordar essas novas imagens, elaboramos este artigo. Para analisar as imagens, utilizamo-nos da classificação isotópica das imagens de Gilbert Durand (1997), das poéticas de Bachelard (do devaneio, do espaço, da água, do fogo, e outras), da noção de arquétipo de Jung (1996) e outros referenciais da literatura, da mitologia e da história das religiões.

Com estes referenciais, analisamos o mesmo desenho coletado durante a pesquisa de campo no trabalho de mestrado e novas imagens se incorporaram à que já havia sido analisada. Para melhor exposição destas informações dividimos o corpo do artigo em quatro itens: 1 - A abertura na concha protetora: a janela da casa *versus* a janela da escola, 2 - A janela da casa: os olhos do mundo, 3 - O buraco vertiginoso e 4 - A parede de cristal: a dialética do interior e do exterior. Após estes itens, apresentamos as nossas considerações finais sobre a pesquisa.

A ABERTURA NA CONCHA PROTETORA: A JANELA DA CASA *versus* A JANELA DA ESCOLA

A janela como sabemos é apenas uma parte da casa, tão importante quanto a porta, mas com funções diferentes entre si. A imagem da **casa**⁴ remete-nos ao arquétipo da "**intimidade, do profundo, do calmo**" na interpretação durandiana ou da "**concha inicial**" na interpretação de Bachelard. A concha representa um retorno ao aconchego, conforto, proteção, por isso, é nossa vontade

³ Tomamos o termo arquétipo na concepção de Carl Jung (1996), entendido como "*resíduos arcaicos* — formas mentais cuja presença não encontra explicação alguma na vida do indivíduo e que parecem, antes, formas primitivas e inatas, representando uma herança do espírito humano". (JUNG, 1996, p. 63)

⁴ A imagem da casa perpassa muitas fronteiras do inconsciente coletivo humano desde os tempos mais remotos. Neste subitem, sempre que nos referirmos à escola, estaremos associando-a a "segunda casa do aluno".

sempre “encontrar a concha inicial em toda moradia” (BACHELARD, 1998, p. 24).

Assim, a casa não vive somente no dia-a-dia, no curso de uma história, na narrativa de nossa história. Pelos sonhos, as diversas moradas de nossa vida se interpenetram e guardam os tesouros das antigas moradas, transportamo-nos ao país da Infância Imóvel, imóvel como o Imemorial. Vivemos fixações, fixações de felicidade. Reconfortamo-nos ao reviver lembranças de proteção. Algo fechado deve guardar as lembranças, conservando-lhes seus valores de imagens. (BACHELARD, 1998, p. 25)

Essas imagens são primitivas, portanto, são imagens arquetípicas **da intimidade e do aconchego**.

De certa maneira, a janela é **uma abertura** na concha protetora, a concha inicial, a nossa casa natal. Essa abertura é uma possibilidade de contato com o mundo exterior sem perder a proteção, o aconchego, o conforto e a intimidade que o espaço interior da casa oferece.

Neste sentido, **a janela** se encaixa no **arquétipo da “abertura”(ou “fechamento”)** ou, mais especificamente, **da “separação” ou “libertação”**. Portanto, aparece como símbolo diátrico da segunda parte do **Regime Diurno**, que representam os arquétipos da separação, do corte, do rompimento (DURAND, 1997).

Apresentamos a seguir o desenho que foi coletado durante a elaboração da dissertação de mestrado. Ele serviu de base para as análises que demonstraremos a frente. A janela aparece constelando com um jarro e uma flor. (MARIN- figura 01)

Na impossibilidade de usarmos a porta, temos a janela. Basicamente, é por isso que ela existe. Uma possibilidade de entrarmos ou sairmos, sem ficarmos presos dentro ou fora. Mas o que a diferencia da porta? Eis uma reflexão interessante. Toda porta possui uma medida suficiente para que um corpo humano normal atravesse confortavelmente. A janela é sempre menor que a porta, e a sua travessia vai sempre exigir maior esforço e sacrifício do ser humano.

Então será que a principal função da janela é a possibilidade de travessia? Por este ponto de vista, não. A janela, então, assume outras funções, como, por exemplo, torna-se o olho da casa ou um simplesmente local para ornamentação e embelezamento da mesma. Para melhor justificar essa imagem, fomos buscar uma explicação através dos devaneios poéticos de nossos escritores maranhenses.

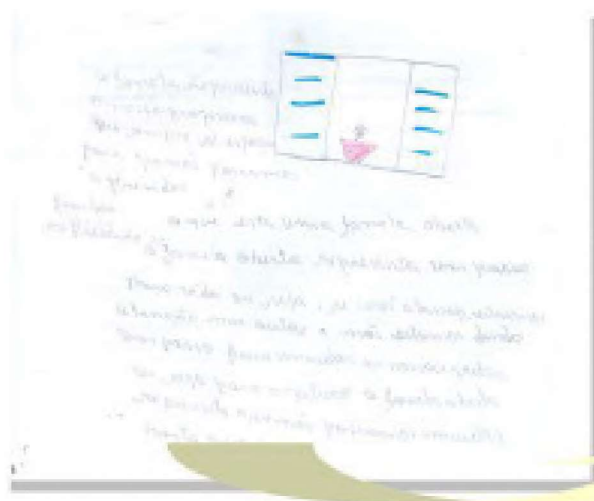


Figura 01: desenho de uma janela com um jarro e uma flor, de MARIN.

"A janela representa os nossos professores que sempre se esforçam para que nós possamos aprender e também o que esta, uma janela aberta, representa. A janela aberta representa um passo para a vida, ou seja, se nós alunos prestarmos atenção nas aulas, nós estamos dando um passo para mudar as nossas vidas, ou seja, para o futuro. A janela aberta representa que nós possamos mudar, basta querer".
(MARIN)

A JANELA DA CASA: OS OLHOS DO MUNDO

A janela muito vê, muito ouve e muito fala; mas tudo silenciosamente, como vemos na poesia de José chagas (2002), em "Os canhões do silêncio".

A janela abre a solidão da vida
e o silêncio me faz responsável
dentro do mundo.

[...]

A paisagem chega
à janela e me olha dentro
como se eu afetasse o seu
verde equilíbrio a sua
mansa explosão
de manhãs criadas
para o sustento diário
do bairro.

(Os canhões do silêncio, 2002, p. 43)

A riqueza do poema nos revela mais uma vez o devaneio sobre *a casa onírica*⁵, mas não a casa toda, e sim apenas uma parte

⁵ A casa onírica é uma casa dos sonhos, aquela nos é revelada através dos sonhos. (Sobre este assunto ver o artigo "A casa imaginária em Gilberto Freyre", do Prof. Dr. João de Deus Vieira Barros)

dela, a janela. A primeira estrofe resgata o simbolismo das imagens da intimidade "A janela abre a **solidão** da vida e o **silêncio** me faz responsável dentro do mundo". Os substantivos "solidão" e "silêncio" carregam o semantismo da intimidade do poeta, o eu-lírico em sua potência máxima de profundidade interior. Pela janela do poeta, "a casa empreende com o mundo um intercâmbio de imensidade. Também a casa dos homens, como gosta de dizer o metafísico, se abre para o mundo". (BACHELARD, 1998, p. 93)

Na primeira estrofe, "a janela abre a solidão da vida" temos um movimento que ocorre de dentro para a fora. Na segunda estrofe, "a paisagem chega à janela" temos um movimento de fora para dentro. Esta dialética, entre as possibilidades de movimentos de passagem para dentro e para fora, carrega a janela (ou qualquer outro objeto de transição, como a porta, portão, etc) de um semantismo muito comum na imaginação humana: a janela é separação que oferece libertação ou prisão.

Parece-nos, na figura 01, que a janela cumpre a sua **função diairética** (DURAND, 1997) de separar professores e alunos na sala-de-aula. Separa professores e alunos em termos de conhecimento e expectativas. Separa-os também através de normas, leis e regimentos rigorosos que mais atrapalham do que ajudam no processo ensino-aprendizagem, pois dificultam um relacionamento mais próximo entre ambos. Separa-nos do mundo pela imposição de limites que vemos, mas muitas vezes não conseguimos romper.

Além disso, por uma janela temos a nossa intimidade exposta. Abrimo-la ao mundo. Através da janela, outros vêem o que está guardado em casa. Quanto mais janelas, mais exposição, quanto menos janelas, mais privacidade. A janela estabelece **uma dialética entre o interior e o exterior** (BACHELARD, 1998), e assim como o gládio e o cetro representam o poder de ataque e defesa, podendo "separar ou unir". Ela exerce o mesmo simbolismo ao se interpor na imaginação entre um mundo interno e um mundo externo. Essa faculdade da janela aparece nítida em "Triste Fim de Policarpo Quaresma", de Lima Barreto (2002):

Não recebia ninguém, vivia num isolamento monacal, embora fosse cortês com os vizinhos que o julgavam esquisito e misantropo. Se não tinha amigos na redondeza, não tinha inimigos, e a única desafeição que merecera, fora a do doutor Segadas, um clínico afamado no lugar, que não podia admitir que Quaresma tivesse livros: "Se não era

formado, para quê? Pedantismo!” O subsecretário não mostrava os livros a ninguém, mas acontecia que, **quando se abriam as janelas da sala de sua livraria**, da rua poder-se-iam ver as estantes pejadas de cima a baixo (BARRETO, 2002, p. 19).

As janelas da casa de Quaresma expunham a sua intimidade ao mundo. A janela guarda o silêncio quando fechada e grita ao mundo quando aberta. Uma vez aberta, não mostra só o interior da casa do indivíduo, mas o interior do próprio indivíduo. É passagem para dentro ou para fora, para interior ou para o exterior, mas sempre portadora de um grande mistério.

Assim a imagem da janela constela com todas as imagens de abscessos que possa haver na casa: buracos na parede, no telhado, nas fechaduras, etc. Esses abscessos representam os olhos da casa. À noite, com a luz e a vela acesa, a casa vê.

Pela luz da casa distante, a casa vê, vela, vigia, espera.

Quando me deixo levar pela embriaguez das inversões entre o devaneio e a realidade, ocorre-me esta imagem: a casa distante e sua luz é para mim, diante de mim, a casa que olha para fora – agora é a vez dela! – pelo buraco da fechadura. Sim, na casa há alguém que vela, um homem está trabalhando ali enquanto eu sonho, é uma existência obstinada enquanto eu persigo sonhos fúteis. Por sua luz, a casa é humana. Ela vê como um homem. É um olho aberto para a noite. (BACHELARD, 1998, p. 50)

Se compararmos as janelas de Quaresma com as janelas da escola, podemos nos aproximar de um possível sentido da janela expressada pela aluna no desenho (figura 01). A casa de Quaresma possuía um universo grandioso de obras clássicas que ficavam guardadas em sua biblioteca como objetos sagrados. Para os que estavam do lado de fora, era sinal de esquisitice ou loucura, mas nós sabemos que ele era, simplesmente, um grande leitor (BARRETO, 2002, p. 19).

Nas escolas, costumamos ter bibliotecas, embora precárias, mas que ficam também em salas fechadas isoladas do mundo. Já a nossa aluna (figura 01 – MARIN) vê essa janela sempre aberta, o conhecimento livre, aberto, acessível a todos, para dentro e, principalmente, para fora da escola. Mas o que ocorre quando a janela se fecha? Que dialética maravilhosa!

Essa relação da janela do Major Quaresma com a sua estante de livros, remete-nos a um outro isomorfismo: o livro é uma janela

aberta ao mundo. É através dos livros que abrimos as janelas para o mundo. Por isso, a leitura é tão importante na vida do ser humano. “Quem aprende a gostar de ler, nunca mais abandona o hábito da leitura. Inquieta-se diante do ócio e agarra-se a um grande negócio: os livros” (BRUSSIO, 2007, p. 21).

Na escola, além do livro, as janelas para o conhecimento se multiplicam com os diversos recursos tecnológicos de que dispomos: TV, DVD, Microsystem, retroprojeto, data-show, projetor de slides, etc. Mas lembrando, que este tipo de janela exerce basicamente um movimento: o de saída, ao passo que a cabeça do aluno, com todos os seus sentidos, funciona como a entrada. Dificilmente, vamos alterar um livro ou vídeo já feito. Nestas janelas não há entrada, apenas saída; em nossa cabeça sim, muito conhecimento entra e sai. Mas sempre podemos fazer uma releitura destas informações.

O BURACO VERTIGINOSO

Outro foco interessante é que a janela, segundo Durand, é isomórfica do buraco e constela com a imagem do abismo, ou da queda, que caracterizam as imagens catamórficas do **Regime Diurno**. “A queda transforma-se em apelo do abismo mortal, a vertigem em tentação” (DURAND, 1997, p. 118). Toda queda é desagradável, reproduz uma profunda angústia diante do tempo.

Os símbolos catamórficos “a terceira grande epifania imaginária da angústia humana diante da temporalidade” trazem sempre a imagem da queda. “O engrama da queda é, com efeito, reforçado desde a primeira infância pela prova da *gravidade* que a criança experimenta quando da aprendizagem penosa do andar” (DURAND, 1997, p. 112). O buraco da janela não é diferente, ao representar uma saída para o mundo exterior ou entrada para o mundo interior, reproduz uma vertigem, primeira imagem arquetípica da queda, toda vez que é atravessada.

Talvez nós, maranhenses, guardemos ainda em nosso inconsciente uma forte imagem da janela pelas representações simbólicas que os mirantes exercem em nosso patrimônio histórico-cultural. As janelas mais altas de nossos casarões históricos – os mirantes – são “construções pequenas, mas elevadas, de onde se observam largos horizontes; miradouro” (BUENO, 1995). José Chagas (2002) revela a magia destas janelas que se abrem ao horizonte:

Também o mirante é um velho espelho
do tempo. Guarda em si imagem móvel
do vento. Reflete a força ausente
do sonho. Especula com seu silêncio
o passado de pó
como se o passado fosse nosso
e não dele.

O mirante é de tempo
por fora. De vento
por dentro, ou o contrário.

(Os canhões do silêncio, 2002, p. 177)

O mirante desempenha na poesia de José Chagas (2002) uma profunda angústia diante do tempo "também o mirante é um velho espelho do tempo", em que se recordam silenciosamente as histórias que só a janela com todos os seus mistérios é capaz de contar: "O mirante é de tempo por fora. De vento por dentro, ou o contrário".

Na escola, essa angústia se reproduz em nossos alunos quando questionam porque têm que estudar determinados assuntos que eles consideram irrelevantes. Este argumento aparece na narrativa de AIACOS quando lhe perguntamos "Em relação às outras disciplinas, você acha que o problema maior está no relacionamento do professor com a turma (ou vice-versa) ou o conteúdo da disciplina é que é ruim mesmo? Se você acha que a causa do problema é outra, responda.", ele responde: "*O problema está, muitas vezes, é nos conteúdos de certas matérias, que dificultam e não ajudam os alunos a compreender os outros assuntos relacionados a elas*" (AIACOS).

Para essa mesma pergunta ORFEU também respondeu semelhante: "*Eu acho que o conteúdo da disciplina é muito ruim e eu não me dou muito bem. Mas nem todas são ruins*" (ORFEU).

Se pensarmos a nossa cabeça como uma janela, faz muito sentido que estes alunos sintam esta apreensão e angústia diante dessas aulas em que afirmam não aprenderem nada. A cabeça tem quatro das nossas janelas ao mundo: os olhos, os ouvidos, o nariz e a boca. Por ela, entramos e saímos ao mundo como fazemos em uma janela.

Na sala de aula, o processo ensino-aprendizagem não é diferente. Esta cabeça (metaforicamente entendida como janela) pode causar-nos profundas angústias em relação a assuntos que

não entendemos e não fazem o menor sentido em nossa realidade.

A dinâmica que ocorre em uma janela, o entrar e o sair, remontam dialeticamente sempre a possibilidade de um "devir", como vimos na fala de MARIN "*a janela aberta representa um passo para a vida, ou seja, se nós alunos prestarmos atenção nas aulas, nós estamos dando um passo para mudar as nossas vidas, ou seja, para o futuro*" (MARIN). Mas passar por esta janela, ou somente abri-la para receber o novo, é como trilhar um caminho escuro, misterioso, estranho. É estar desprevenido, desprotegido contra tudo aquilo que lhe venha afligir (como ocorreu com Quaresma) ou recordar (como lembra José Chagas).

Quanto mais complexa for a travessia, mais fascinante é a glória do outro lado. Na teia das imagens da queda, encontramos diante da imagem da vertigem, os isomorfos do ventre – símbolo da imundície e das imagens digestivas e carnis. Ao pensarmos na travessia da janela, é possível se pensar no caminho a ser percorrido.

Sabemos também da dificuldade que as escolas têm de realizarem atividades que interajam com a comunidade. A escola que escolhemos para realização desta pesquisa, por exemplo, no ano de 2006, não fez nenhuma atividade integrando escola x comunidade. Houve reuniões de pais, mas percebia-se um número reduzido de participações destes. Lamentavelmente, também não é costume dos administradores da escola registrarem esses dados, o que nos dificultou a informações de dados precisos.

A narrativa da aluna (figura 01) leva-nos a imaginá-la dentro da escola, durante uma aula, na qual ela acredita que

a janela representa os nossos professores que sempre se esforçam para que nós possamos aprender e também o que esta, uma janela aberta, representa. A janela aberta representa um passo para a vida, ou seja, se nós alunos prestarmos atenção nas aulas, nós estamos dando um passo para mudar as nossas vidas, ou seja, para o futuro. (MARIN – figura 05)

Se o aluno vê o professor, a escola, ou o processo de ensino-aprendizagem, como uma janela aberta é porque ele acredita que esta passagem pela janela pode conduzi-lo a algo melhor. Todavia, ele sabe que a travessia é arriscada, ele não está livre de levar tombos, e aí temos resguardado o sentido da queda, das imagens catamórficas. Além disso, a preocupação maior está na possibilidade

de esta janela se fechar, por qualquer um dos sujeitos (alunos ou professores), visto que geralmente, uma janela se fecha por dentro, pelo interior.

Por outro lado, não se pode pensar que abrir a janela significa sempre atrair as coisas ruins do mundo externo para dentro de casa (como por exemplo os ladrões!). É pela janela que recebemos grande parte da luz do sol. Queremos a luz do dia, mas sem perdemos a proteção que o nosso abrigo (casa) nos resguarda, daí o fato de a porta (da rua) estar sempre fechada e a janela aberta. Lembremos que são pelas janelas que entram os mais intensos raios solares em nossas casas.

Essa interpretação metaforizada condiz com a narrativa da aluna (MARIN) "*a janela aberta representa que nós podemos mudar, basta querer*". Talvez a janela seja ela própria que precisa estar aberta e atenta a tudo de bom que a escola e o mundo lhe oferecem. Assim como vamos à janela a procura de algo que está lá fora, precisamos nos abrir aos conhecimentos do mundo.

É graças à casa que um grande número de nossas lembranças estão guardadas; e quando a casa se complica um pouco, quando tem um porão e um sótão, cantos e corredores, nossas lembranças têm refúgios cada vez mais bem caracterizados. A eles regressamos durante toda a vida, em nossos devaneios. (BACHELARD, 1998, p. 28)

Ainda vemos na janela desenhada pela aluna (figura 01) a presença de um jarro com uma flor que simbolizaria uma constelação de imagens diurnas e noturnas simultaneamente, de um lado, a flor é imagem dos símbolos ascensionais, isomorfa da escada e da subida pelo arquétipo da verticalização, portanto, predominância no **Regime Diurno**; de outro, é imagem dos símbolos cíclicos e dramáticos dos dramas cíclicos lunares e agrários pelo arquétipo da árvore, portanto, predominância no **Regime Noturno**.

O desenho da aluna (figura 01) nos demonstra que as imagens constelam estabelecendo teias de relações e significados entre si, que de uma forma ou de outra, representam as maneiras de pensar e agir do homem e o seu meio e, que analisadas profundamente, demonstram como as imagens educam simbolicamente o homem em sociedade.

A PAREDE DE CRISTAL: A DIALÉTICA DO INTERIOR E DO EXTERIOR

Outra análise da janela que não podemos deixar de inferir é a possibilidade da imagem da separação, típica dos símbolos diairéticos do Regime Diurno, é a janela que secciona o espaço. Mesmo aberta, ela funciona, como **uma parede de cristal**, que invisivelmente impõe os seus obstáculos. Ela estabelece a divisão entre o interno e o externo, o que está dentro e o que está fora, e dependendo da ótica (da situação), estabelece os limites do que é bom e do que é ruim, do Bem e do Mal, do sagrado e do profano.

É óbvio que muitas outras imagens diairéticas (separação) surgem para constelar com a imagem da janela: a imagem do muro (muralha), da porta, da parede, da cerca. Barros (1991) reforça, em sua dissertação de mestrado, este aspecto seccionador da janela:

O próprio fato de a mulher nordestina gritar da janela do engenho revela esse estado de dominação, o distanciamento (mesmo espacialmente físico) da senhora para com o escravo, separados pela janela (e podemos supor que o escravo em alguns casos sequer adentrasse a casa, ficando apenas do lado de fora da janela). Nesse sentido é que as imagens em Gilberto Freyre são complementares ou, às vezes, contraditórias com seus discursos ensaísticos. (BARROS, 1991, p. 101)

Considerando a janela como símbolo diairético, percebemos que a imagem de um desenho de outro aluno convergia na mesma simbologia. Ele havia desenhado um muro (figura 02, AQUILES). Na narrativa, o aluno escreveu: *"Eu fiz esse desenho para mostrar como os pichadores estão pichando o colégio hoje"* (AQUILES).

Como já dissemos, as pistas deixadas no desenho nos direcionam para uma simbologia muito semelhante a dos símbolos diairéticos – o corte, a separação, a purificação. O aluno desenhou um garoto "bad boy" com um spray na mão, mas no muro não desenhou pichação alguma. Houve mais uma intenção de pichação do que uma pichação de fato, o que é demonstrado pelo aspecto agressivo do aluno e pela ausência de pichação no muro.

O aluno usa o "spray" como uma arma, assim como um guerreiro que empunha uma espada. É com o spray que ele fere e atinge uma escola que considera excludente, punitiva, intransigente e descartável. Não é só o muro que se torna alvo de suas pichações, pelo contrário,

o muro é mais alvo dos agentes externos - os marginalizados, aqueles que ficam de fora da escola e não compartilham de seu espaço sagrado - do que dele mesmo.

Para o aluno pichador, o desafio maior é pichar os espaços sagrados da escola, tudo aquilo que os pichadores de rua, que não são alunos, não conseguem fazer por maiores dificuldades. Picham, principalmente, a sala de aula, o **quadro branco**⁶, as carteiras, os banheiros, os corredores, a secretaria, o pátio e as paredes. Assim, ele fere a escola por dentro, em cada um dos seus órgãos internos, que são fundamentais ao funcionamento da mesma.

O muro exerce o papel de símbolo diairético, mas a função de separação é mais agressiva do que a da janela. A janela, menos mal, pode estar aberta. O muro é sempre fechado, só podemos entrar pelo portão. Como o portão não apareceu nos desenhos de nossos alunos, não falaremos mais profundamente sobre a sua simbologia.



Figura 02: desenho de um aluno pichador e um muro, de AQUILES.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esperamos com essa pesquisa sobre as imagens da janela no imaginário de nossos alunos, a partir do referencial teórico do Imaginário de Gilbert Durand, ter demonstrado alguns aspectos profundos da mesma em relação ao papel que exerce na vida dos alunos.

É claro que o nosso trabalho não se esgota por si só, carece de discussões, complementações, opiniões e observações que podem nos ajudar a ampliar a nossa pesquisa.

Neste artigo, não pudemos desenvolver muitas linhas sobre a teoria de Durand, visto que não era este o nosso objetivo. Mas, para quem desconhece o referencial, talvez tenha sido um pouco complexo entender as Estruturas do Regime Diurno e do Regime Noturno aqui citadas. Todavia, esperamos que tomem essas provocações como um convite para esse novo referencial teórico que ainda tem muito a contribuir nas ciências sociais e naturais.

REFERÊNCIAS

- BACHELARD, Gaston. *A Poética do Devaneio*. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- _____. *A Poética do Espaço*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- _____. *A água e os sonhos: ensaio sobre a imaginação da matéria*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- _____. *A psicanálise do fogo*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- BARROS, João de Deus Vieira. *A casa imaginária em Gilberto Freyre*. IN: *Revista do mestrado em Educação: Educação e Emancipação*. São Luís, Edufma, 2002.
- BARRETO, Lima. *Triste fim de Policarpo Quaresma*. São Paulo: Ática, 2002. (Série Bom Livro)
- BRUSSIO, Josenildo C. *Sete passos para uma boa leitura*. São Luís: Carajás, 2007.
- BUENO, Francisco da Silveira. *Dicionário Escolar da Língua Portuguesa*. 11ª ed. Brasília: MEC/FAE, 1995.
- CHAGAS, José. *Os canhões do silêncio*. São Paulo: Siciliano, 2002.

DURAND, Gilbert. *As Estruturas Antropológicas do Imaginário*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

_____. *A imaginação simbólica*. São Paulo: Cultrix, 1988.

_____. *O Imaginário: ensaio acerca das ciências e da filosofia da imagem*. 2ª ed. Rio de Janeiro: DIFEL, 2001.

JUNG, Carl G. *O Homem e seus símbolos*. 6ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira: 1996.

SANCHEZ TEIXEIRA, Maria Cecília. . *A dinâmica do imaginário e a trajetividade da cultura: re-significando o social*. In: VOTRE SEBASTIÃO. (Org.). *Representações sociais em educação física, esporte e lazer*. 1ª ed. Rio de Janeiro: Editora Gama Filho, 2001, p. 57-72)

_____, Maria Cecília; SILVEIRA PORTO, Maria do Rosário (Org.). *Imaginário, Cultura e Educação*. São Paulo: Editora Plêiade, 1999.

_____, Maria Cecília. *Entre o Real e o Imaginário: processos simbólicos e corporeidade*. *Revista Espaço Aberto*, São Paulo: USP, N° 21, Junho/2004.